

# ESTRATIGRAFIA E MORFOLOGIA DOS DERRAMES DE BASALTOS DO GRUPO SÃO BENTO NO EXTREMO NE DA PROVÍNCIA CONTINENTAL MAGMÁTICA DO PARANÁ, BRASIL

*Moraes, L.C. de<sup>1</sup>; Seer, H.J.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

As rochas basálticas da Província Magmática Continental do Paraná (PMCP) ocupam, só na região denominada Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais, uma área aproximada de 57.000 km<sup>2</sup>, extensivamente recoberta por rochas sedimentares flúvio-lacustres pertencentes à Bacia cretácea Bauru. Prolongam-se para Goiás, a norte, Mato Grosso do Sul, a oeste e São Paulo, a sul. Do lado leste encontram-se ancoradas na estrutura conhecida como Arco do Alto Paranaíba que à época da instalação da PMCP atuava como uma barreira elevada que limitou a Bacia do Paraná e propiciou condições topográficas e climáticas específicas. Dominam derrames do tipo pahoehoe inflados e lobos simples amalgamados com espessuras variando entre três e 40 metros. Os mais espessos apresentam estrutura pahoehoe típica, com fraturas horizontais na base, porção central com colunas bem desenvolvidas, frequentemente com entablatura, e brecha de topo em cuja base podem ocorrer geodos decimétricos preenchidos com quartzo e ametista. Os lobos simples, por sua vez, decimétricos a métricos, são predominantemente hipocristalinos, com microvesículas e microfenocristais de plagioclásio e, menos frequente, de piroxênio. Podem estar assentados diretamente sobre litologias neoproterozóicas ou sobre arenitos da Formação Botucatu, e a espessura total – com base em dados de poços – varia entre algo como 1100 metros, na região de Iturama a 50 metros, em Sacramento. A base dos basaltos está entre 670 e 840 metros na região de Uberlândia/Araguari; 650 a 1100 metros na região de Sacramento; 530 a 715, na região de Uberaba. Já os arenitos podem ter sua base na cota 1034 e espessura de 13 metros, na 642 com 30 m, ou na cota 570 com 130 m. E, diferentemente do restante da Bacia – onde as lentes do arenito limitam-se ao primeiro terço dos derrames – no leste do Triângulo Mineiro os arenitos eólicos podem encontrar-se recobrando os derrames e como inúmeras intercalações lentiformes. A interação lava/sedimento é predominantemente a seco, com a superfície de camadas de arenito sendo sulcada por derrames ou sendo metamorfisada por calor e mostrando estruturas de escape de gás. Como indicam os dados, o paleorelevo no Triângulo Mineiro foi bastante irregular no Cretáceo Inferior, em especial próximo à borda do Arco do Alto Paranaíba. Esse paleorelevo de região peridesértica também tornou possível a geração de leques aluviais e lagos. Litologias típicas desses ambientes são referidas localmente em São Paulo, no Mato Grosso do Sul e no oeste do Paraná. O que chama a atenção nessa área é sua persistência desde a base do Grupo São Bento e a presença, ainda que localizada, de lavas em almofada, indicando a existência de um lago com dimensões suficientes para receber um derrame e gerar essas estruturas. As condições locais de umidade permitiram ainda a interação lava/sedimento na forma de peperitos típicos. Esses dados são predominantemente fruto do Projeto Triângulo Mineiro, suportado por convênio CODEMIG – UFMG.

**PALAVRAS CHAVE:** PROVÍNCIA BASÁLTICA CONTINENTAL DO PARANÁ; TRIÂNGULO MINEIRO; ESTRATIGRAFIA